

Esclarecimento e emancipação

Pressupostos de uma Teoria Educativa crítica para a Educação Física¹

Elenor Kunz*

INTRODUÇÃO

Procurei utilizar as categorias de esclarecimento e emancipação para revelar e, se possível, aprofundar mais os fundamentos teóricos básicos do trabalho que publiquei em 1994, com o título: "Transformação Didático-Pedagógica do Esporte". Nesse trabalho tentei mostrar, não apenas a importância do ensino escolar do esporte, mas da própria Educação Física como componente curricular imprescindível na formação integral do jovem. Para isto, apresentei uma proposta de ensino fundamentado numa concepção educacional que denominei crítico-emancipatória. A principal intenção do trabalho foi a de aproximar uma proposta pedagógica-educacional com a realidade concreta da Educação Física e seus conteúdos tradicionalmente conhecidos como: ginástica, esporte e jogos.

Passados quase quatro anos da formulação e publicação dessa proposta de ensino, pude observar, com certo orgulho, que a mesma foi levada à prática em muitas instâncias escolares. Também pude discutir a mesma, em muitas oportunidades, junto às secretarias de educação de alguns estados e municípios, bem como em universidades e mesmo escolas. Nessas observações dois aspectos chamam-me especial atenção: de um lado, a enorme facilidade que os profissionais brasileiros têm de recriar, redimensionar práticas e, paradoxalmente, de outro lado, a enorme dificuldade de interpretar e desvelar com maior profundidade os fundamentos teóricos dessa mesma prática. Desta forma, e para esta oportunidade, procuro apenas ocupar-me com a discussão de dois conceitos, bastante polêmicos, mas que são centrais nesta proposta de ensino da Educação Física.

ESCLARECIMENTO E EMANCIPAÇÃO

O termo esclarecimento, que utilizo, e que aqui pretendo ampliar a discussão, tomo-o a partir do termo alemão

"Aufklärung" e, embora, nas discussões teóricas, como na "Dialética do Esclarecimento", de Horkheimer e Adorno, o mesmo tem muito pouco a ver com o movimento histórico do iluminismo iniciado em fins do séc 17 na Europa, é daí, deste movimento iluminista, que uma intenção iluminista, ou seja, esclarecedora se apresenta pela primeira vez, propondo, "pelo exercício da razão esclarecida e crítica, emancipar o homem das amarras da superstição e tirania"(Rouanet, 1989). Por isto, de certa forma, toda discussão em torno do tema Esclarecimento e Emancipação tem algo a ver com este movimento iluminista.

Assim, nesse período histórico, enquanto iluministas franceses procuravam revolucionar o Estado, artistas e filósofos alemães como Mozart, Goethe, Schiller, Kant e Fichte, davam um enorme impulso à uma dimensão cultural antes desconhecida.

Kant, por exemplo, num pequeno texto em um livro célebre sobre o tema "O que é Esclarecimento (Aufklärung)?", declara: "Esclarecimento é o processo de saída do homem de sua menoridade, da qual é o próprio culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir de seu entendimento sem a direção/condução de outrem." O homem, ou a razão humana, é o próprio culpado desta menoridade, se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de sua própria capacidade racional. Sapere Aude! Tenha a coragem de fazer uso de seu próprio entendimento, este deve ser o lema do Esclarecimento, conclui Kant (ver Kant/Erhard/Herder/Lessing/ Mendelssohn/Riern/Schiller/Wieland - Was ist Aufklärung? Stuttgart, Reclam, 1974.)

- Para Kant, portanto, esclarecimento já significava um processo de emancipação intelectual que tem por consequência a superação da ignorância e a preguiça de pensar por conta própria.

Já os teóricos da chamada Escola de Frankfurt, es-

pecialmente Horkheimer e Adorno, em seu celebre livro "Dialética do Esclarecimento", se referem ao Esclarecimento como o "desencantamento do Mundo", querendo dizer com isto, o processo histórico na qual os homens na busca da superação dos problemas relacionados ao mito e a superstição se libertam por um processo de racionalização cujo veículo condutor passa a ser as ciências e a própria filosofia. Concordam, no entanto, também, que o início desta busca da superação do mito e da superstição se deu com o movimento iluminista do sec. XVII e que não só coincide com o impulso original dado ao que hoje conhecemos por ciência e tecnologia, mas também com a política do estado capitalista. A crítica que Horkheimer e Adorno fazem quando se referem ao "desencantamento de mundo" tem como alvo principal a evolução do conhecimento no mundo centrado quase que exclusivamente no modelo das ciências da natureza e que segundo os mesmos, tem a parcela maior de culpa nas constantes quedas da humanidade na barbárie. O esclarecimento como saída da humanidade da menoridade, se encaminhou rapidamente, porém, para o caminho oposto, ou seja, o da autodestruição do esclarecimento. Quando na história antiga da humanidade o mito já era esclarecimento, o esclarecimento ao alcance do homem moderno e pelo processo civilizatório que passou, se encaminha para uma recaída à mitologia. Pelas ciências positivas o homem procurou o domínio da natureza e conseguiu com isto a dominação do próprio homem. O homem passa a ser cada vez mais um objeto à disposição do conhecimento científico super-especializado, da mídia e da propaganda, da educação e de todas as instituições que colaboram na formação de interesses e desejos que o mesmo deve assumir. A razão humana, que evoluiu para este estágio da humanidade, na verdade, ganhou poder, o poder do entendimento que vence a superstição e passa a imperar sobre a natureza desencantada. Assim, este esclarecimento, segundo Adorno e Horkheimer, eliminou com o seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Desencantar o mundo passou a ser sinônimo de destruir o mundo. No trajeto para a ciência moderna, comentam ainda os mesmo autores,

" os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade. A causa foi apenas o último conceito filosófico que serviu de padrão para a crítica científica, porque ela era, por assim dizer, dentre todas as ideias antigas, o único conceito que a ela ainda se apresentava, derradeira secularização do princípio criador. A filosofia buscou sempre, desde Bacon, uma definição moderna de substância e qualidade, de ação e paixão, de ser e de existência, mas a ciência já podia passar sem semelhantes categorias".

Pela razão esclarecida se paga o preço da alienação e submissão. Os homens não são aquilo que em função de suas possibilidades e de sua natureza poderiam ser, eles são, pelas suas possibilidades e sua existência, alienados.

Esclarecimento, porém, não é apenas a intenção das ciências, a partir da ideia de que ela também, poderá possibilitar o processo emancipatório ela deveria estar, também nos interesses e objetivos da Educação e de Formação Cultural Crítica. Portanto, o interesse condutor do conhecimento educacional para a formação crítico-emancipatória também passa pelo Esclarecimento. Que esclarecimento? Como é possível o esclarecimento numa sociedade que, embora não desenvolvida como as sociedades do primeiro mundo, possui os meios para estar informado de tudo e sobre tudo que ocorre no mundo? Acredita-se que a sociedade e os homens nunca estiveram tão esclarecidos. Há esclarecimentos das mais variadas formas e com os mais variados interesses, desde a janela para o mundo como a televisão e a internet até aos pregadores da salvação através das mais variadas seitas e igrejas. A própria ciência parece ter alcançado o apogeu do "desencantamento do Mundo" superando todo e qualquer obscurantismo, como o medo dos fenômenos naturais ou a cólera de deuses, ou ainda da culpa e dos destinos. Assim, poder-se-ia alencar uma enorme lista de temas que outrora ainda se constituíam em tabus e, hoje, pertencem as evidências do cotidiano, como por exemplo: Deus, deuses, autoridades de toda espécie, sexualidade, o livre arbítrio, o que deve ser considerado bom ou mau, as questões do destino, do sofrimento, da dor, das necessidades ou, ainda, temas que por tanto tempo eram praticamente intocáveis como Corpo, Vida e Espírito, que mesmo num mundo ainda que dominado por "lavagens cerebrais, UTIs, transplantes cardíacos, manipulação genética, clonagens e etc. mantém um certo respeito e um certo mistério. Embora, sobre todas estas questões científicas mais complexas, do progresso da ciência e da tecnologia, bem como do próprio esclarecimento, recebemos esclarecimentos. Porém, este esclarecimento não faz os homens mais livres e não diminui a barbárie no mundo.

Para não cair num certo "irracionalismo" pela crítica à "racionalidade iluminista", portanto, esclarecedora da realidade, oriento-me, a seguir, nas ideias de Von Hentig (1985) para analisai; por exemplo, porque é tão difícil e ao mesmo tempo tão necessário o Esclarecimento numa sociedade que se entende, de certo modo, suficientemente esclarecida. Esclarecimento organizado, é o único poder que temos enquanto educadores mas é ao mesmo

tempo, nossa impotência. Vou procurar esclarecer este paradoxo.

Inicialmente, temos um conjunto de meios ou agentes do esclarecimento, mas quando absolutizados, o que geralmente ocorre, mesmo na Educação, impedem que esclarecimentos aconteçam. Entre estes agentes encontra-se, acima de tudo, o próprio Conhecimento Científico que para o seu esclarecimento utiliza do saber comprovado e despreza qualquer sabedoria tradicional, intuitiva, poética, etc. Através desta preconiza-se que o conhecimento correio deva também resultar em um agir correto e, para se alcançar este conhecimento correto, é preciso que se utilize de meios e métodos cientificamente válidos e reconhecidos, ou seja, o conhecimento científico deve passar pela prova experimental, pelo uso de métodos reconhecidos enquanto tal. Desta forma, transfere-se a responsabilidade a dados estatísticos ou testes experimentais agindo-se, assim, de forma completamente anti-esclarecedora, ou seja, praticando o obscurantismo intelectual. Uma segunda categoria que impede esclarecimento é o pensamento analítico-causal, em consequência também do modo de pensar da ciência moderna e que se orienta na fragmentação e isolamento. Isto tem, como sabemos, uma forte influência sobre os modos de ensinar, bem como nos próprios conteúdos, ou aquilo que é ensinado nas nossas escolas. A escola quer que o aluno tenha acesso ao conhecimento científico. Mas, se este conhecimento/esclarecimento for possibilitado apenas pelo modelo das ciências empírico-analíticas, este só poderá ocorrer num processo mecânico-causal, sendo que outras formas de esclarecimento como a analogia, a mimesis, a interpretação de símbolos, etc., não têm chances de serem confrontados. Desta forma, não é possível o desenvolvimento de consciências críticas, ou seja, que os alunos possam dispor de princípios próprios para o Esclarecimento, ou por outra, adquiram a coragem de pensar por conta própria. Wagenschein (1995) afirmava: " O que a gente precisa descobrir por conta própria, deixa pistas/caminhos no intelecto, que depois podem ser usadas para outras possibilidades e oportunidades de conhecimento"

Uma outra questão que impede o conhecimento crítico e, com isto, o esclarecimento, é a chamada "redução de complexidade" de fenômenos, fatos e coisas, ou seja, a medida que o homem "desencanta o mundo" ele consegue perceber que a teia de relações em que os fenômenos, fatos e coisas estão envolvidas é de extrema complexidade; então, pela fragmentação do conhecimento e pelos modelos metodológicos de investigação ele consegue re-

duzir a complexidade destas e, em consequência, temos um conhecimento mais "exato" sobre sua existência e funcionamento. Agindo-se, assim, sobre fenômenos, fatos e coisas da natureza em geral temos que concordar com os grandes avanços e consequências positivas na superação de inúmeros problemas mas, quando esta mesma forma de entendimento de mundo se dá sobre os fenômenos humanos e sociais, isto tem levado a alguns exageros e provocado mais o obscurantismo do que esclarecimento. Um exemplo: Uma pesquisa da Universidade de Utah, nos EUA, conseguiu "provar" que o efeito da violência em programas de televisão (cenas de violência) sobre crianças que assistem a estes programas num período não maior que quatro horas semanais é maior do que sobre as crianças que assistem a estes mesmos programas mais de 25 horas semanais. Os resultados "exatos" foram alcançados através de testes, como medida dos batimentos cardíacos, suor e a pressão sanguínea. Evidenciando, assim, por este método de análise, que crianças que assistiam mais programas de televisão com cenas violências reagiam de forma mais normal que as que assistiam menos, ou seja, em síntese, esta pesquisa conclui que, crianças e provavelmente adultos, podem gradativamente se tornarem mais "frias" frente a ações de violência (Von Hentig, 1985).

Uma outra forma especial de Esclarecimento do atual período da humanidade é o uso da capacidade de abstração, ou seja, a compreensão de um fenômeno de forma segura e reconhecida por todos não se dá, apenas, pela percepção visual, tácti! que todos podem ter desse fenômeno, mas também por meio de um modo de conhecer/compreender não visível individualmente. Isto vale especialmente para os casos em que se utiliza de dados da estatística. Por ex.: Fumantes tem em média 25% mais chances de câncer no pulmão que não fumantes. Assim, se eu quiser entender o mundo da criança como, por exemplo, em que idade deve aprender a ler e escrever, quantas horas de sono ou quando e quantas vezes pode praticar esportes, quanto tempo ela pode assistir televisão, etc., apenas com dados estatísticos, provavelmente estarei confundindo minha perspectiva da realidade com a da criança. Os próprios pais, muitas vezes não conseguem mais identificar se o seu filho é alegre, cheio de vida, moderado e crescido, mas apenas que é muito alegre, muito moderado ou muito crescido para a idade, deixando-se seduzir demasiadamente pelo modelo de conhecimento comparativo, colocando no lugar da atenção sobre o filho, as possíveis relações do mesmo com a média estatística, e a comparação no lugar da observação.

Enfim, a escola deve ser aquela instância em que os Esclarecimentos de Mundo possam ser esclarecidos. Só isto pode conduzir à uma prática pedagógica emancipatória. E esta possibilidade só pode ser oferecida pela reflexão ou metacomunicação, nas palavras de P. Demo (1994), saber pensar e aprender a aprender, ou seja, quando se é capaz de sair da mera cópia ou incorporação de informações para construir conhecimentos. Pela reflexão comunicativa e crítica transcende-se os limites das informações como forma de esclarecimento ou, do conhecimento científico como verdades evidentes e inquestionáveis e somente com esta forma de esclarecimento se pode intencionar a emancipação humana e social, significando a superação das dependências e da menoridade.

CONCLUÍNDO

Tudo que tentei mostrar até aqui, pode-se facilmente relacionar com as diferentes áreas específicas do conhecimento como em nosso caso, da Educação Física e dos Esportes. Porém, para concluir, gostaria de apontar algumas situações em que Educação Física/Esportes têm se postado de forma anti-esclarecedora e anti-emancipatória. E, com a atual situação Educação Física Escolar, sendo "elevada" à condição de "componente curricular", integrada à proposta pedagógica da escola (nova LDB), talvez seja chegada a hora, de seus profissionais apresentarem uma argumentação pedagógica legitimadora e convincente, de sua contribuição na chamada formação da cidadania. Para tanto, as chamadas propostas renovadoras com projetos concretos de intervenção nesta realidade e surgidas somente no início dos anos 90, talvez possam vir a ser, doravante, melhor consideradas, ampliadas e redimensionadas para a prática. Mas, enfim, alguns pontos que dificultam Esclarecimento e Emancipação na Educação Física:

1. As Pesquisas (como a Tese de Doutorado da colega Rossana Valéria de Souza e Silva) mostram, que em termos de produção de conhecimentos na área, especialmente entre os cursos de mestrado e doutorado, esta ainda continua em grande parte centrada na priorização do manuseio de um instrumental metodológico de pesquisa, na realização de experimentos empíricos e, na mensuração e comparação de resultados, independente de sua relevância social, pedagógica ou cultural.

2. Os profissionais da Educação Física Escolar ainda entendem sua área de atuação como uma intervenção prá-

tica, apenas, para: a) melhorar a condição física do aluno; b) ensinar as técnicas do esporte; c) propiciar alegria e descontração ao aluno através de atividades lúdicas.

3. A escola e a comunidade escolar (pais e demais professores/diretores) entendem a Educação Física como uma prática salutar ao aluno enquanto não atrapalhar o desenvolvimento dos conhecimentos das demais disciplinas. Há países na Europa, por ex., em que a mesma já recebeu ameaça de disciplina optativa por se entender que o grande acúmulo de conhecimentos das chamadas áreas nobres (física, química, biologia, e informática) começa a exigir mais espaço nos conteúdos escolares, logo algumas disciplinas menos importantes poderiam ceder lugar à isso.

4. O aluno tem o devido esclarecimento do que é, para ele, Educação Física. Pois, a tradicional pergunta, que todo professor de Educação Física Escolar já escutou, "professor hoje é física ou jogo?", "esclarece" isto.

5. Em consequência o esclarecimento maior que nós, profissionais da Educação Física, necessitamos desenvolver e apresentar à comunidade escolar, é sobre a nossa particularidade pedagógica. Qual vai ser a diferença entre a Educação Física na Escola e as escolinhas desportivas, o esporte nos clubes, áreas livres sob comando ou sem comando de técnicos, as ginásticas de academias, etc, etc. Como ensinar/esclarecer as dimensões culturais do movimento humano em níveis de complexidade de acordo com idade/série e que transcenda ao sentido imanente destas atividades culturais, chegando a se constituir sentidos e, principalmente, esclarecer para a percepção de sempre novos sentidos nos diferentes contextos?

6. Enfim, tenho uma certa esperança que para o Esclarecimento e a Emancipação que a escola precisa propor, não apenas como um mero ensino centrado no indivíduo, mas como projeto político mais amplo, a Educação Física terá um papel importantíssimo, uma vez que o "se-movimentar" do aluno orientado a uma perspectiva pedagógica da solução de problemas que impedem a vivência corporal plena deste se-movimentar, é sempre um "compreender-o-mundo-pelo-agir" (Tamboer, 1985), logo auto-esclarecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Th. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Th. HORKHEIMER. Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

DEMO, P. Pesquisa e construção de conhecimento. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

KANT, I. Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? In: KANT, ERHARD, HAMANN, et al. Was ist Aufklärung? Stuttgart: Reclam, 1974.

KUNZ, E. Transformação didático-pedagógica do Esporte. Ijuí: Unijuí, 1994.

MOLLENHAUER, K. Erziehung und Emanzipation. München: Juventa. 1973.

ROUANET, P. S. As razões do Iluminismo. São Paulo: Companhia de Letras, 1989.

VON HENT; H. Die Menschen stärken, die Sachen klären. Stuttgart: Reclam, 1985.

WAGENSCHHEIN, M. Naturphänomene sehen und verstehen. Stuttgart: ErnstKlett, 1995.

NOTA

Trabalho apresentado em mesa redonda no Congresso Mundial de Educação Física da AIESEP - Rio de Janeiro agosto de 1997.

**Elenor Kunz é professor titular do Centro de Desportos da UFSC, Florianópolis, SC e atual presidente do CBCE.*